

Casa Hoffmann

Por Rosane Chamecki e Andréa Lerner - 2018

Quando recebemos o convite para imaginar um centro de dança, começamos e pensar qual teria sido para nós, 20 anos antes, a situação ideal para estudar e criar. Havíamos nos formado na PUC em Dança, e saído do Brasil logo em seguida, porque a única informação que recebíamos do resto do mundo era através de festivais de dança, onde os grupos faziam suas performances e sem tempo para uma troca de informações, iam embora deixando um rastro muito fino. Quando saímos de Curitiba, não havia internet, saímos realmente, pra ver e viver o que estava acontecendo no resto do mundo. Queríamos fazer parte do diálogo ou, no mínimo, compreender qual era o diálogo. Na época, tínhamos assistido ao filme Hair. A coreografia de Twila Tharp nos deu o sinal de que algo a mais estava sendo codificado, algo casual, um corpo mais moderno e este “algo” raramente chegava em Curitiba.

O Cassio Chamecki, presidente da Fundação Cultural de Curitiba na época, focava sua gestão na excelência artística como política de investimento público. Elenos chamou com a proposta do ressurgimento de um espaço no centro da cidade, chamado Casa Hoffmann. Conversamos sobre como possibilitar pesquisas aos artistas para que eles se tornassem a melhor versão deles mesmos.

Uma das questões que tínhamos como curadoras foi: como e por que estudar dança? Depois de tantos anos fazendo dança, a pergunta ainda era e é fresca. Talvez até mais fresca porque a definição do que é dança tende a expandir quanto mais a definimos. Talvez este seja o grande propósito; estudamos para reconsiderar, inserir poros, reconstituir e questionar fundamentos, materializar ideais, investigar conceitos, politizar decisões, revolucionar, e para reconhecer outros artistas interessados em movimento. Ou mesmo, só para inspirar.

Chegamos à conclusão de que haviam três prioridades que queríamos dar à Casa: para os artistas

locais, um espaço para criação, troca de ideias e aprendizado; uma oportunidade para intercâmbio e oficinas entre artistas locais e artistas nacionais e internacionais; e finalmente performances informais tanto de artistas locais como de convidados, onde um público maior teria acesso ao que estava acontecendo na Casa.

Para potencializar o uso e criar um núcleo da Casa, disponibilizamos cinco bolsas de estudos (residências) para artistas locais. Estas bolsas incluíam participação gratuita em todas as oficinas, além de espaço para ensaio de seus próprios trabalhos. No final de cada semestre, os bolsistas deveriam mostrar o resultado de algum trabalho desenvolvido durante a residência. Além disso, demos uma bolsa de estudo para cada organização artística, grupos de teatro, faculdade de dança, etc, para que um participante desta organização pudesse fazer os workshops sem custo, e dividir o aprendizado com seus grupos posteriormente.

Aos artistas nacionais e internacionais convidados para darem oficinas, oferecemos o espaço e os participantes. Conversamos com eles sobre o que seria executado, ou ensinado durante as oficinas, mas o plano era bastante aberto. Eles poderiam ensinar, ensaiar, ou propor e encontrar outras maneiras de dividir seus métodos e suas questões com os participantes. As aulas eram abertas não só para os bolsistas residentes, mas para outros convidados e artistas em geral.

A grande surpresa da Casa, na realidade, não foi o quanto os artistas locais absorveram métodos, formas e pensamentos. Afinal, somos seres antropofágicos. A nossa intenção era de não homogeneizar ou globalizar a arte local. Cada povo tem suas ideias, cada comunidade desenvolve suas necessidades artísticas e cria seus heróis. A intenção era inserir coragem aos artistas, cultivar asas, fisgar percepções, cultivar uma comunidade artística exuberante e produtiva, e transformar tudo isto em performance.

A surpresa foi a quebra da moldura. Havíamos enquadrado a Casa dentro de certas ideias que, apesar de controversas, subversivas e liberais tinham ainda uma certa moldura. Depois de bem pouco

tempo, os residentes da Casa tomaram conta física e metaforicamente do espaço. Eles organizaram programas semanais de performances, toda noite havia uma atividade extra na Casa. Não houve um canto dentro da arquitetura da casa que não tenha sido usado como “palco” para alguma performance. A casa pulsava criação. Era ao mesmo tempo absorvente e contaminante. Se tornou tão intimamente entrelaçada com a classe artística da performance de Curitiba, que realmente mereceu ser chamada de Casa.

Performance é efêmera por natureza. Impossível reproduzir. Ela somente reverbera, através da lembrança dos que estavam presentes e participaram. Aquele momento que vivemos durante os anos de 2003/2004 foram igualmente únicos. Assistimos alguns trabalhos incríveis desenvolvidos ou apresentados na Casa; contemplamos a evolução de muitos artistas, alguns que vivem em Curitiba, outros que saíram pelo mundo; colaborações que elaboraram a composição de outros grupos artísticos como o Couve-Flor, e até a criação da revista Relêche. Aqueles que foram testemunhas são também participantes. As repercussões desta experiência que foi a Casa Hoffman em seu primeiro momento de criação e definição são ao mesmo tempo impossíveis de medir e eternas. Ao nosso ver, estão para sempre transformando performance e o pensamento coreográfico e criativo em Curitiba, no Brasil e no mundo.

Só pra acabar, queremos dizer que pessoalmente e intimamente, a construção da Casa Hoffman foi uma das grandes realizações que tivemos dentro de um longo trajeto como artistas. A oportunidade de sermos as a Diretoras Artísticas da Casa Hoffmann e criarmos aquilo que gostaríamos que tivesse existido pra nós, 20 anos antes, de certo modo, transforma nosso percurso em algo cíclico, reciclável. Esperamos que este percurso de profundo aprendizado não esteja concluído, porque queremos ainda dar muito mais voltas por aí. E mais ainda, vida longa para a Casa Hoffmann!